

SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: evolução, desafios, informação, aprendizagem e propostas para um mundo mais inclusivo

Flávia Leal Corrêa, M. Sc. (UFF)

Sérgio Luiz Braga França, D. Sc. (UFF)

Marlene Jesus Soares Bezerra, D. Sc. (UEZO)

RESUMO

O advento do pós-industrialismo, com a globalização, a Internet e as novas tecnologias, fez surgir uma sociedade onde o saber e o pensar são cada vez mais valorizados. Denominada Sociedade do Conhecimento, pressupõe a busca constante pela construção do conhecimento a partir da imensa quantidade de conteúdos a que o homem está exposto hoje em dia e traz à tona questões relativas à sociedade, principalmente no que tange à inclusão social. Nesse sentido o presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise da denominada Sociedade do Conhecimento considerando o caráter interdisciplinar da questão. Resgata-se o histórico da sociedade, do pré ao pós-industrialismo, para, depois, tratar de conceitos que se interrelacionam, como conhecimento, aprendizagem e informação. Busca-se, na sequência, abordar a questão do conhecimento sob a ótica do trabalho e das relações organizacionais e apresentar os desafios impostos pela modernidade. Trata-se de uma pesquisa aplicada, quanto à sua natureza, de abordagem qualitativa e, quanto ao instrumento e coleta de dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado sobre o assunto. Por fim, espera-se, como resultado, propor ideias para que cada vez mais a sociedade possa ser beneficiada pelo conhecimento, reduzindo a exclusão digital e social.

Palavras-chave: Sociedade do Conhecimento. Informação. Aprendizagem.

ABSTRACT

The advent of post-industrialism with the globalization, the Internet and the new technologies has resulted in a society in which knowing and thinking are becoming more appreciated. The so-called Knowledge Society supposes a constant pursuit of knowledge building, from the great amount of content humans are exposed nowadays. Moreover, it brings out some issues concerning the society, especially when it comes to social inclusion. Therefore, this paper has the aim to present an analysis of the so-called Knowledge Society, considering its interdisciplinary features. The history of the society from the pre to the post-industrialism is retrieved, in order to cover correlated concepts such as knowledge, learning and information. Additionally, it seeks to approach the knowledge issue under the labor and organizational relations perspectives, presenting the challenges imposed by modernity. This paper is an applied research with qualitative approach. As an instrument of collecting data, a bibliographical research was conducted, based on some material previously produced about this theme. Finally, it is expected, as a result, to propose ideas for the society to become benefitted by the knowledge, reducing digital and social exclusion.

Keywords: Knowledge society. Information. Learning.

1 INTRODUÇÃO

Na era industrial, predominavam a produção em série e o trabalho essencialmente braçal. O conhecimento era privilégio de poucos, que concentravam em si o poder de comando. As nações que possuíam tecnologia industrial, armamentos bélicos, fábricas e escolas comandavam o mundo. Grandes indústrias, sobretudo dos setores têxtil e automobilístico, dominavam os negócios e a comercialização do trabalho humano pautava as relações comerciais e sociais.

O século XX trouxe consigo a globalização, a revolução digital e a Internet, provocando grandes mudanças na sociedade e nas relações mundiais. Em algumas fábricas, as máquinas substituíram parte da mão de obra humana. A facilidade de acesso ao conhecimento e a inclusão digital têm feito com que cada vez mais pessoas se qualifiquem, acirrando a concorrência. Ao mesmo tempo em que as organizações buscam colaboradores mais informados e preparados para as alterações impostas pela modernidade, as pessoas, por estarem bem informadas e atualizadas, têm investido em seu desenvolvimento, visando ao sucesso na carreira e ao aprimoramento profissional. Surge, assim, a era pós-industrial, caracterizada pela valorização do capital intelectual, pela agilidade na circulação de informações e pela interatividade. A dinâmica moderna faz com que os indivíduos se esforcem para acompanhar a acelerada mutação da sociedade. Destacam-se aqueles que, além de acessarem as informações disponíveis, conseguem organizá-las e filtrá-las, qualitativamente, utilizando o conhecimento a favor de si e da coletividade. Por outro lado, abre-se a discussão para as questões inerentes às diferenças sociais, a partir do momento em que as novas tecnologias ainda excluem uma grande parcela da população mundial e que o poderio informacional está concentrado nas “mãos” de uma nação dominante.

Com base nesses aspectos, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise da denominada Sociedade do Conhecimento considerando o caráter interdisciplinar da questão. Primeiramente, é apresentado um histórico da sociedade, do pré ao pós-industrialismo. Na sequência, são vistos os conceitos de informação, aprendizagem e conhecimento, como um interfere no outro e como se dá a gestão do conhecimento no meio corporativo. Posteriormente, busca-se mostrar os aspectos positivos e negativos da sociedade atual, de modo abrangente, e propor alguns caminhos para que o conhecimento possa efetivamente gerar benefícios para os indivíduos e o meio em que se inserem, reduzindo a exclusão social e digital e inserindo cada vez mais pessoas na dinâmica atual, pautada na tecnologia e na difusão dos saberes. A pesquisa é teórica, amparada por publicações sobre temas que abrangem as questões aqui tratadas.

2 DO PRÉ AO PÓS-INDUSTRIALISMO: A EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE

Para melhor compreensão do mundo atual, com todo seu dinamismo e avanços tecnológicos, é importante resgatar o histórico evolutivo da sociedade, principalmente no que diz respeito ao advento do capitalismo e às mudanças empreendidas nos modos de produção a partir do século XV.

A crise no sistema feudal, iniciada no século XIV, foi motivada por vários fatores, como as revoltas camponesas e a Peste Negra, mas, sobretudo, pela ascensão da burguesia nas cidades medievais, ampliando a movimentação comercial no período e forçando os senhores

feudais e os burgueses a traçarem estratégias de desenvolvimento de suas estruturas econômicas. (FERNANDES, s.d.)

Os conflitos provocados pelo antigo modo de produção e os novos interesses individuais surgidos com o crescimento das cidades mercantis e a ampliação do comércio promoveram uma grande transformação nos modos de pensar, viver e agir do homem à época. As pessoas passaram a questionar a estrutura do feudalismo, fazendo surgir novas carências e tornando o referido sistema insuficiente para satisfazer as exigências da sociedade burguesa em ascensão. (NETO; MACIEL, 2006)

O sistema feudal foi, então, sendo substituído gradativamente pelo sistema de produção assalariado, mais vantajoso em termos de custos e produtividade. Começava a surgir a sociedade capitalista, também denominada sociedade industrial, caracterizada pela ampliação da produção e pela comercialização da força de trabalho.

O ápice do processo de industrialização se deu com a Revolução Industrial, iniciada no século XVIII. Os capitalistas dominavam os meios de produção. Aos operários, cabia cumprir as ordens dos patrões, que pagavam seus salários, sob pena de sofrerem sanções e até perderem o emprego, sua única fonte de renda. Segundo Neto e Maciel, alguns fatores foram marcantes:

[...] a privação dos trabalhadores de qualquer possibilidade de subsistência diferente do trabalho assalariado; a preocupação com a organização e o controle do trabalho; uma profunda revolução cultural; uma metódica e rígida política repressiva contra os trabalhadores que se negavam a aceitar as novas relações sociais impostas; a institucionalização de mecanismos oficiais – através de leis, decretos e documentos oficiais – que tinham como função inserir os indivíduos nas novas relações de produção de forma a amenizar os conflitos, então existentes [...]. (NETO E MACIEL, 2006, p. 340)

Para os camponeses que migravam das zonas rurais para as cidades, o impacto foi ainda maior. Habitados a plantar e colher, produzindo o necessário à sua subsistência, passaram a se submeter às extensas jornadas de trabalho, assim como os artesãos, que deixaram de ser autônomos, tornando-se empregados. As fábricas não poupavam nem mulheres e crianças, que podiam trabalhar entre 12 e 18 horas por dia, sem garantias trabalhistas.

De acordo com Sanson:

Doravante, o sentido da vida apenas é possível dentro da sociedade do trabalho. Não existe mais exterioridade, tudo concerne e converge ao trabalho. As relações sociais que se constroem, as frustrações que se adquirem, a emancipação que se busca, o olhar de mundo que se tem, fazem-se no e a partir do trabalho. O trabalho passa a ocupar um lugar central na vida das pessoas e é o trabalho assalariado que identifica, determina, distingue, classifica e marca decisivamente as relações sociais. (SANSON, 2009, p. 24)

A mecanização impedia qualquer manifestação criativa e intelectual. A única opção para as classes dominadas era o trabalho braçal, que exigia grande esforço físico. Se impossibilitado de executar o serviço pesado, o empregado, por não ter mais serventia ao patrão, era substituído por outro em melhores condições.

Neto e Maciel (2006, p. 349) destacam que o advento do capitalismo representou a perda da liberdade do homem, que se tornou “um prisioneiro do capital, do próprio trabalho”. Chaves (2014, p. 1) complementa, afirmando que “o aspecto mais importante, que trouxe radical transformação no caráter do trabalho, foi esta separação: de um lado, capital e meios de produção (instalações, máquinas, matéria-prima); de outro, o trabalho”.

À fase de submissão do trabalhador à classe dominante, compreendendo sua subordinação ao trabalho e consequente alienação quanto a outras questões da sociedade, seguiu-se uma época de resistência e revolta do homem diante das condições que lhes eram impostas. Até então dominado e manipulado pelos detentores do capital, o indivíduo passou a contestar os modos de produção, iniciando uma lenta, porém marcante revolução: a mão de obra produtiva, antes apenas executora, tornou-se questionadora da ordem vigente, o que contribuiu para transformar a sociedade, as relações de trabalho e os modos de pensar do ser humano.

Posteriormente, já no século XX, a Segunda Guerra Mundial acabou consolidando a passagem do industrialismo para o período pós-industrial. A comunicação entre os povos foi ampliada, houve mudanças na economia mundial e novas tecnologias começaram a ser difundidas. O aumento da expectativa de vida, o desenvolvimento tecnológico e a propagação da mídia marcaram o advento da sociedade pós-industrial, também denominada pós-moderna ou contemporânea. Diferentemente da época industrial, em que predominava a padronização da produção e a especialização do trabalho, verifica-se, sobretudo na atualidade, a valorização do intelecto e da criatividade. (LUCCI, s.d.).

Surge, assim, a denominada Sociedade do Conhecimento, presente nos dias de hoje, em que o fluxo de informações se torna cada vez mais dinâmico e as ideias passam a ter grande importância, conforme análise apresentada a seguir.

3 SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E A INFORMAÇÃO

Na atualidade, o conhecimento tem adquirido papel de destaque. A globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias, em constante atualização, inserem o indivíduo em uma realidade onde o acesso à informação é cada vez mais dinâmico, obrigando as pessoas a se atualizarem constantemente.

Nessa dinâmica, três conceitos fundamentais se destacam: informação, aprendizagem e conhecimento. Embora muitas vezes tidos como sinônimos, apresentam diferenciação importante para a compreensão dos assuntos aqui tratados.

A informação pressupõe o acesso a dados, textos, notícias e documentos, física ou virtualmente falando. A aprendizagem, por sua vez, consiste basicamente na transformação da informação acessada em conhecimento adquirido. É o processo de passagem da aquisição dos dados para a decodificação e o entendimento dos mesmos. Por último, o conhecimento, que diz respeito àquilo que o indivíduo faz com as informações que obtém, ou seja, à capacidade de decodificar a informação acessada, repensá-la e transformá-la, criando significado e sentido. Pode-se dizer, então, que o conhecimento não existe sem a informação e que a aprendizagem é o caminho pelo qual ele é construído.

Também é importante diferenciar conhecimento de aptidão e habilidade. Enquanto o primeiro diz respeito à aprendizagem de algo, os dois últimos conceitos se referem aos conhecimentos técnicos, geralmente relacionados ao exercício profissional, conforme destacam Neto e Teixeira (2006, p. 224), que afirmam ainda: “o conhecimento nada mais é do que um processo próprio do ser humano de aprender e vir a conhecer algo que lhe era estranho, ou seja, é um processo de apreensão do mundo que o rodeia”. Os autores destacam que a sociedade atual produz essencialmente dois tipos de conhecimento: científicos e técnicos ou tecnológicos, ambos de grande importância social, econômica e cultural. Os conhecimentos científicos são aqueles que, ao menos em tese, visam atender às necessidades da sociedade, enquanto os técnicos ou tecnológicos se direcionam às indústrias e aos modos de produção.

A Sociedade do Conhecimento compreende, assim, o amplo acesso à informação, a interatividade entre as pessoas e a construção de conhecimento útil para o cidadão e a sociedade como um todo. É viabilizada principalmente pela revolução tecnológica e pela reorganização da estrutura social, que passa a funcionar em redes, ampliando o acesso à Internet e facilitando a comunicação entre as pessoas.

Não basta acessar conteúdos, visto que esses estão todos disponíveis na Internet e o simples acesso a eles não garante a inserção do homem nas redes e na Sociedade do Conhecimento. É necessário filtrar as informações, selecionando aquelas que, conforme Musacchio (2014, p. 2), são “importantes e relevantes para o crescimento cognitivo, como essas informações vão mudar o modo de ver o mundo e de fazer as pessoas crescerem intelectualmente”. O autor ainda complementa o raciocínio, afirmando que “não basta ter acesso ao dicionário gigante de informações; é preciso que ele faça sentido a todos nós e o laboratório de troca de experiências são as redes sociais”.

É preciso considerar, também, que a Internet ampliou significativamente o número de conteúdos diários disponibilizados ao homem, que pode, de acordo com Lucci (s.d., p.6), “ter acesso num só dia a um número equivalente de informações que um sujeito teria a vida inteira na Idade Média”. Portanto, a capacidade de selecionar o que é válido daquilo que pode ser descartado torna-se uma exigência nos dias de hoje, em todos os segmentos da vida do homem, seja no trabalho ou nas relações pessoais. Silva, Correia e Lima (2010) complementam esse entendimento ao afirmarem que, para localizar as informações disponíveis nas redes, o indivíduo deve ser capaz de identificar fontes confiáveis e, principalmente, saber o que deseja encontrar, a fim de delimitar as buscas.

Diante desse fluxo desordenado e intenso de informações, torna-se imprescindível, conforme Coutinho e Lisbôa (2011), estabelecer critérios que possibilitem uma organização e seleção daquilo que é visto, lido e ouvido, para que o indivíduo possa produzir seu próprio conhecimento, não sendo moldado ou influenciado pelo vai e vem informacional a que está exposto. Lucci (s.d.) destaca a importância do saber crítico para a Sociedade do Conhecimento, onde as ideias têm grande valor e o intercâmbio de saberes faz surgir, em várias partes do mundo, bancos de ideias (ou *Think Thanks*) que favorecem a interatividade na busca pelo conhecimento.

A aprendizagem contínua, então, ganha destaque. Na Sociedade do Conhecimento, como as informações mudam a cada momento e a todo instante novos conteúdos são disponibilizados, favorecendo o repensar e a reconstrução de conceitos pré-estabelecidos e impondo a revisão dos mesmos, é fundamental que o indivíduo busque atualizar-se

constantemente e inserir-se nas redes, a fim de participar das discussões e não ficar atrasado em relação às novidades. A Sociedade do Conhecimento pressupõe, dessa forma, a existência de uma Sociedade da Aprendizagem, na qual, conforme Coutinho e Lisbôa (2011, p. 11), “o sucesso dos sujeitos depende da sua capacidade de processar e gerir a informação e, sobretudo, da sua capacidade de adaptação à mudança”.

Na Sociedade da Aprendizagem, é essencial que os indivíduos possam desenvolver competências e habilidades que os levem a trabalhar a criatividade, segundo seus anseios e necessidades. É preciso saber processar e gerir a informação, além de ser adaptável a mudanças (Coutinho; Lisbôa, 2011). Fabela (2005) destaca quatro elementos de fundamental importância para o sucesso da aprendizagem: desafio, significado, integração e contexto relacional.

Para o autor, o desafio compreende as situações não vivenciadas anteriormente pelo sujeito e as informações que ele desconhece. Por se tratarem de algo novo, desconhecido, tendem a impulsionar as pessoas a buscarem compreendê-las e, a partir desse entendimento, construir um conhecimento novo, amparado pelas suas redes de relacionamento social e profissional. O significado é o que o indivíduo depreende da informação a que é exposto, ou seja, corresponde à associação entre o conteúdo informativo e sua experiência de mundo, com base nos seus conhecimentos (ou desconhecimentos) prévios sobre o assunto. A integração diz respeito ao aprofundamento do significado, ao momento em que o aprendente relaciona-se efetivamente com o conteúdo que lhe é apresentado. O contexto relacional, por fim, compreende o questionamento pessoal, a dúvida, que manterá o indivíduo em busca constante pelo conhecimento e poderá levá-lo a interagir com outros sujeitos, a fim de agregar ideias à sua construção cognitiva.

A aprendizagem é, assim, um processo cíclico, quando compreendida individualmente, passando a expandir-se à medida que as pessoas, cientes de que seu conhecimento não pode ser tido por verdade absoluta, passam a compartilhar suas ideias e a trocar opiniões. Essa interação, viabilizada pela estrutura em redes, é parte fundamental da Sociedade do Conhecimento, onde o pensar coletivo torna-se cada vez mais necessário.

3.1 Conhecimento, trabalho e relações organizacionais

A dinâmica da Sociedade do Conhecimento, além de pautar as relações humanas, interfere significativamente no mercado de trabalho e na empregabilidade. Conforme destaca Lévy:

Até a segunda metade do século XX, uma pessoa praticava no final de sua carreira as competências adquiridas em sua juventude. Mais do que isso, transmitia seu saber, quase inalterado, a seus filhos ou aprendizes. Hoje, esse esquema está em grande parte obsoleto. As pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também, no interior de uma mesma “profissão”, os conhecimentos têm um ciclo de renovação cada vez mais curto (três anos, ou até menos, em informática, por exemplo). Tornou-se difícil designar as competências “de base” num domínio. Novas técnicas ou novas configurações sócio-econômicas podem a todo momento recolocar em questão a ordem e a importância dos conhecimentos. (LÉVY, 1996, p. 55)

Hoje, além de dominar conteúdos relativos à sua área de atuação profissional, o indivíduo precisa estar preparado para se adaptar a mudanças – inclusive, se necessário, mudar de profissão e buscar alternativas para garantir seu sustento. Diferentemente da época industrial, quando o trabalho assalariado era a única forma de subsistência, o mundo atual impõe que as pessoas sejam flexíveis, com múltiplas habilidades e capazes de se adaptar a situações diversas, reinventando seu modo de viver a todo instante.

Dentro das empresas, o conhecimento passa a ser cada vez mais valorizado. Em oposição à fase em que a criatividade do homem era suprimida e seu trabalho limitava-se às atividades mecanicistas, hoje “o conhecimento é o principal insumo no processo de produção. Os tradicionais fatores de produção, mão de obra, recursos naturais e capital estão cedendo espaço cada vez maior para a informação e o conhecimento na sua importância para a cadeia produtiva” (NETO; TEIXEIRA, 2006, p. 224).

As organizações dispõem de dois tipos de conhecimento: tácito e explícito. O primeiro está relacionado ao seu corpo funcional, pois diz respeito àquilo que está na mente de cada indivíduo. O segundo se refere ao meio externo: documentos, arquivos digitais ou impressos, etc. Ou seja: o conhecimento tácito é intangível, subjetivo, enquanto o explícito é palpável, objetivo. Pode-se, ainda, afirmar que um não existe sem o outro: para construir seu saber interno, o homem faz uso das informações que encontra à sua disposição e as associa ao seu contexto; e o conhecimento tangível, externo, é elaborado e atualizado pelo ser humano, que deixa implícitas nos conteúdos de que participa suas impressões particulares.

O conhecimento organizacional é, assim, “todo o conhecimento tácito detido pelos empregados da organização e pelo conhecimento explícito que circula na empresa. Este conhecimento é, consciente ou inconscientemente, gerido pelos empregados da organização” (Neto; Teixeira, 2006, p. 226). Para que haja sucesso, é preciso gerenciar o conhecimento de forma positiva, incentivando os colaboradores a produzir conhecimento explícito, compartilhando com os outros suas ideias em prol da empresa.

O profissional, para atender aos anseios das empresas na Sociedade do Conhecimento, deve ser capaz de auxiliá-la na produção, difusão e incorporação de novas ideias, interferindo nos produtos e serviços, de modo que a organização também possa estar inserida no contexto atual. Hoje, além de focar nos lucros, as empresas devem estar atentas à comunidade que as rodeia, principalmente no que tange aos aspectos socioambientais. O conhecimento produzido, então, deve agregar valor à empresa e à sociedade como um todo.

Nesse sentido, torna-se importante reforçar a relevância da aprendizagem e da interação nos dias atuais. Sendo a empresa constituída por capital humano e influenciada por vários aspectos externos – mídias, comunidade, *stakeholders*, etc. –, não há mais espaço para o individualismo corporativo. Se antes o empresário se concentrava apenas na produção e nos lucros, o mundo hoje exige que contribua positivamente para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Para tanto, torna-se imprescindível saber gerir o conhecimento e aproveitá-lo a seu favor.

O profissional, por sua vez, deve ter habilidade para trabalhar em grupo, interagir e produzir soluções. A interação e a colaboração são fatores essenciais à produção do conhecimento. Pessoas que possuem opinião própria, mas, ao mesmo tempo, estão abertas a novas ideias, sabem interagir, formar opinião, expor seus pontos de vista, enfim, manter ativo o ciclo do conhecimento, têm valor no mercado atual, porque na Sociedade do Conhecimento

ter atitude e criatividade é mais importante que conhecer o produto ou serviço com o qual trabalha (MUSACCHIO, 2014).

É importante, sobretudo, que as organizações conheçam seu capital humano, identificando as pessoas que detém determinado conhecimento e incentivando a qualificação constante e a interação dos colaboradores. Bancos de dados atualizados periodicamente, contendo o cadastro dos funcionários, com sua instrução, interesses, experiências e pretensões podem ser uma boa forma de gerenciar o capital humano na Sociedade do Conhecimento, pois permitem à empresa localizar facilmente as pessoas mais indicadas para a realização de determinada atividade ou para o desenvolvimento de um projeto a médio ou longo prazo. Avaliações frequentes de resultados, com vistas à identificação dos conhecimentos necessários para atender à demanda da empresa, também podem ser utilizadas como estratégias visando ao melhor aproveitamento do conhecimento no meio corporativo (NETO; TEIXEIRA, 2006).

Pode-se inferir, enfim, que na Sociedade do Conhecimento apenas a aptidão técnica não é suficiente para o meio empresarial. Saber transformar a informação em conhecimento e utilizá-lo para encontrar soluções e gerar resultados é fundamental. Para tanto, cabe às organizações estimular a interação e a criatividade dos seus colaboradores, que precisam estar inseridos na dinâmica atual da sociedade, participando de trocas de ideias, selecionando conteúdos úteis em meio a um amplo universo de informações disponíveis e, sobretudo, atuando de forma a contribuir para o desenvolvimento da empresa, da sociedade e de si mesmos.

4 DESAFIOS E PROPOSTAS

É fato que as novas tecnologias atingem um número cada vez maior de pessoas, que se inserem no contexto informacional da sociedade atual, interagindo cada vez mais, adquirindo e produzindo conhecimento. No entanto, a Sociedade do Conhecimento ainda está longe de ser inclusiva.

Conforme Lucci (s.d.), o fornecimento de quase todas as inovações tecnológicas existentes é possibilitado por uma minoria. Quase metade da população mundial está apta a adotar tais tecnologias nas esferas de produção e consumo e cerca de um terço – o que é uma parcela bastante significativa – vive tecnologicamente marginalizado. Além disso, Mattelart (2005) destaca que o gerenciamento da Internet pertence a um organismo norte-americano, a ICANN (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*), que controla o acesso a qualquer domínio virtual e, assim, detém o poder pela informação que, embora acessível, não está totalmente democratizada.

O maior desafio da Sociedade do Conhecimento é, pois, tornar-se uma sociedade realmente inclusiva. Muitos cidadãos ainda não têm acesso às redes e, por isso, acabam excluídos, tanto no aspecto social quanto no profissional. Mattelart (2005) usa o termo *tecnopartheid* para denominar a exclusão digital e afirma a existência de uma “crença utópica em uma sociedade mundial, construída graças à partilha dos conhecimentos e ao acesso ao saber (...)”.

A inclusão social, hoje, está ligada à inclusão digital. O indivíduo que não se adapta às novas tecnologias acaba marginalizado socialmente e fica distante, também, das

oportunidades de trabalho, o que acaba por contribuir para o aumento da pobreza. Por isso, torna-se necessário e urgente que o acesso tecnológico seja cada vez mais ampliado. Nesse sentido, devem ser implementadas estratégias que visem reduzir os abismos sociais, inserindo cada vez mais pessoas na Sociedade do Conhecimento.

Em algumas cidades do Brasil, por exemplo, já vemos ações em prol da inclusão digital, como acesso gratuito às redes em locais públicos, além de projetos educacionais com o intuito de promover a democratização do acesso às tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, há que se considerar a ineficiência de tais projetos para uma parcela da população, que ainda engrossa as estatísticas de analfabetismo mundial.

Conforme acentuam Silva, Correia e Lima (2010, p. 223), a Sociedade do Conhecimento pressupõe “universalização e democratização da informação; qualificação de indivíduos; disponibilização da Internet; articulação entre os três setores; educação para a cidadania”.

A solução para a exclusão sociodigital, portanto, envolve diversos fatores. Primeiramente, é preciso investir na educação de base, nas escolas, de modo a preparar o indivíduo para lidar com o fluxo de informações a que estará exposto ao longo da vida. Sem isso, não é possível inserir o cidadão nas novas tecnologias, pois, como já visto, não basta acessar informações e conteúdos: mais importante é saber o que fazer com tantos recursos disponíveis. Assim, é necessário que as pessoas sejam estimuladas a trabalhar a criatividade e o senso crítico, a fim de que possam construir seu próprio conhecimento e torná-lo mais rico à medida que desenvolvem suas habilidades de interação, interpretação e elaboração de ideias.

É fundamental, também, que entidades públicas e privadas invistam em projetos que visem à redução das diferenças tecnológicas. Cursos, oficinas e treinamentos voltados às comunidades mais carentes podem ser viabilizados para difundir informações e estimular a produção do conhecimento. Centrais sociais, em que a comunidade tenha acesso à Internet gratuitamente e possa utilizar computadores para pesquisa, estudos e até mesmo lazer também podem ser úteis, sobretudo se for considerado que ainda hoje grande parte da população não possui o equipamento nem o acessa em seu trabalho.

Por fim, é necessário que haja uma conscientização de todos – organizações, governos, indivíduos – no sentido de que a sociedade só será totalmente “do conhecimento” a partir do momento em que, se não todos, ao menos a maioria das pessoas puder ter acesso aos conteúdos disponíveis e participar ativamente da construção do conhecimento interativamente, pensando na coletividade e propiciando compartilhar o saber, de modo e tornar a sociedade mais justa e igualitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias têm provocado uma revolução na sociedade contemporânea, denominada Sociedade do Conhecimento. A informação está a cada dia mais acessível e a quantidade de dados e conteúdos à disposição dos usuários é imensa. O mundo moderno exige que as pessoas se adaptem rapidamente a mudanças, sendo flexíveis, interativas, proativas e hábeis em produzir conhecimento de valor a partir do fluxo informacional a que estão expostas. O mercado de trabalho, que antes valorizava o serviço braçal e as aptidões técnicas, hoje busca profissionais que tenham habilidade para trabalhar em grupo, sendo

capazes de produzir conhecimento confiável, que agregue valor às organizações. Torna-se fundamental o investimento em aprendizagem contínua e a atualização constante, pois, na velocidade em que as informações mudam atualmente, aquele que não acompanha a dinâmica dos processos torna-se obsoleto.

Por outro lado, o acesso ao fluxo intenso de informações não pressupõe a construção de conhecimento. Para tal, é preciso que as pessoas e empresas primeiramente saibam o que desejam quando buscam um conteúdo, a fim de selecionar aquilo que será útil em meio ao turbilhão de dados, documentos, textos e imagens disponíveis. É necessário, ainda, saber decodificar a informação recebida e, a partir do contexto analisado e, utilizando seu saber inato e sua compreensão de mundo, elaborar ideias e conceitos que gerarão o conhecimento a ser compartilhado posteriormente. Sobretudo, é preciso interagir. O conhecimento individual dá lugar às construções coletivas, ao saber elaborado por debates e trocas de ideias, onde diferentes pontos de vista são considerados, enriquecendo o produto final, o conhecimento.

Simplificadamente, a Sociedade do Conhecimento, então, pressupõe a informação, base da aprendizagem que culminará no conhecimento. Entretanto, há um grande desafio a ser superado, que diz respeito à exclusão social. Ainda hoje, uma enorme parcela da população mundial está fora dos acessos às novas tecnologias, o que contribui para o desemprego, a marginalização social e o aumento da pobreza. Torna-se fundamental pensar em alternativas que ampliem o acesso das camadas mais pobres ao mundo digital e, conseqüentemente, à sociedade moderna.

Para tanto, o pensar coletivo é de extrema importância, à medida que leva à elaboração de ideias e soluções que tragam benefícios a toda a sociedade. Empresas privadas, órgãos públicos e cidadãos precisam estar engajados com o mesmo propósito, de reduzir o *thechno-apartheid* e ampliar a inclusão sociodigital. A solução começa na educação fundamental, pois é por meio dela que os indivíduos em formação poderão ser preparados para ingressarem na Sociedade do Conhecimento. É preciso trabalhar o senso crítico e a habilidade de transformar informações desconexas em conteúdo significativo, de modo que a tecnologia possa ser realmente utilizada a favor das pessoas, empresas e sociedade como um todo.

Pode-se dizer, enfim, que a Sociedade do Conhecimento ainda está em construção. Essa denominação terá sentido completo quando forem reduzidas as diferenças sociais e a população estiver inserida no contexto tecnológico atual. Do contrário, permanecerá a estrutura de alguns séculos atrás – uma parcela dominante exercendo o poder sobre a maioria dominada. A diferença é que, antes, a posse era exercida sobre máquinas, dinheiro e mão de obra mecanicista e, hoje, o instrumento de dominação é a informação, difundida para muitos, mas cujo acesso é controlado por poucos. Democratizar essa informação e descentralizar o controle dos conteúdos disponíveis é o caminho para uma sociedade mais justa, igualitária, que seja, efetivamente, do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Lázaro Curvelo. **A Revolução Industrial**. Revisado em 10 nov. 2014. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/revolucaoindustrial.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. XVIII, n. 1, 2011, p. 5-22.

FABELA, Sérgio. **A vida toda para aprender**. 30 dez. 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0321.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015.

FERNANDES, Cláudio. **Transição do Feudalismo para o Capitalismo**. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/transicao-feudalismo-para-capitalismo.htm>. Acesso em: 10 jul. 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCCI, Elian Alabi. **A era pós-industrial, a Sociedade do Conhecimento e a educação para o pensar**. S.d. Disponível em: <http://www.del.ufrj.br/~fmello/eraposindustrial>. Acesso em: 13 jul. 2015.

MATTELART, Armand. **Sociedade do Conhecimento e controle da informação e da comunicação**. Conferência proferida na sessão aberta do V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, nov./2005, Salvador, BA. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/ArmandMattelartPortugues.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2015.

MUSACCHIO, Cláudio de. **Sociedade da Informação x Sociedade do Conhecimento**. 26 jul. 2014. Disponível em: <http://www.baguete.com.br/colunas/claudio-de-musacchio/26/07/2014/sociedade-da-informacao-x-sociedade-do-conhecimento>. Acesso em: 14 jul. 2015.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. Transformação social e modo de produção: do sistema pré-industrial ao sistema capitalista de produção. **Gest. Ação**, set/dez. 2006, Salvador, v.9, n.3, p. 339-350.

NETO, Alexandre Shigunov; TEIXEIRA, Alexandre Andrade. Sociedade do conhecimento e ciência administrativa: reflexões iniciais sobre a gestão do conhecimento e suas implicações organizacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, mai/ago. 2006, v. 11, n. 2, p. 220-232.

SANSON, Cesar. **Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial**. 2009. 163 p. Tese – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009. Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24122/VERSAO_FINAL_BANCA.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 jul. 2015.

SILVA, Alzira Karla Araújo da; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho; LIMA, Izabel França de. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, jan/jun. 2010, v.33, n.1, p. 213-239.